

# “COMPAIXÃO PELA MESSE!”: FILHAS DO DIVINO ZELO E AS PEDAGOGIAS MISSIONÁRIAS EM AÇÃO NA VILA OPERÁRIA MINERAÇÃO DE IÇARA (SC- BRASIL) 1959 A 1968.

*Alcides Goularti Filho<sup>1</sup>  
Giani Rabelo<sup>2</sup>*

## Resumo

Este artigo é um recorte de um estudo que procurou inventariar e analisar, numa perspectiva histórica, as práticas instauradas pelas pedagogias missionárias, protagonizadas pelas congregações religiosas femininas em vilas operárias do complexo carbonífero do sul do Estado de Santa Catarina, entre os anos de 1950 e 1980. Neste artigo, o destaque será dado à Congregação das Filhas do Divino Zelo. Tal congregação atuou no distrito de Içara que se destacou, desde os anos de 1949, na extração do carvão mineral pela Carbonífera Barão do Rio Branco, a qual mantinha uma vila operária. A chegada das religiosas para a realização do trabalho de cunho socioeducativo na Vila Operária da Mineração, junto às famílias, ocorreu entre no final dos anos de 1950. O principal objetivo do estudo foi compreender tais pedagogias em ação, junto aos operários e suas famílias, especialmente filhos, filhas e esposas. A pesquisa assentou-se num amplo corpus empírico composto por documentos orais, produzidos a partir da História Oral, bem como documentos escritos e iconográficos, conservados pelas congregações. A partir dos indícios encontrados foi possível observar a ação insidiosa das religiosas na “reeducação” das famílias. Elas procuraram

<sup>1</sup> **Alcides Goularti Filho** – Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC).  
E-mail: alcides@unesc.net

<sup>2</sup> **Giani Rabelo** – Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC).  
E-mail: gra@unesc.net

instituir novos hábitos e valores nas práticas cotidianas das famílias operárias e, para que isso se concretizasse, envolveram, de forma diferenciada, os operários, suas esposas, filhos e filhas, em várias ações de caráter social, educativo e religioso.

**Palavras-chave:** Pedagogias Missionárias; Vila Operária; Complexo Carbonífero; Congregação Filhas do Divino Zelo.

---

### Abstract

This article is an excerpt from a study that investigated the practices conducted by missionary pedagogies, implemented by the religious congregation of women in workers villages of the complex coal in southern states of Santa Catarina, between the years 1950-1980. In this article the emphasis will be given to the “Congregação das Filhas do Divino Zelo”. This congregation has served the city of Içara where there since the year 1949, the extraction of coal by “Carbonífera Barão do Rio Branco” who maintained a working village. The arrival of the religious to carry out activities in childcare Workers’ Village Mining, the families, occurred between the 1950s and 1960s. The main objective of the study was to understand the pedagogies in action, along with the workers and their families, especially children, daughters and wives. The research was based on an empirical corpus consisting of oral documents, produced from the Oral History as well as written and iconographic documents, preserved by the congregations. From the evidence found was possible to observe the action of the nuns in “reeducation” of families. They sought to establish new habits and values in everyday practices of working families, and for this to materialize, involved, in different ways, the workers, their wives, sons and daughters in various actions in social, educational and religious.

**Keywords:** Missionaries pedagogies; Workers’ Village; Complex Carboniferous.

# “COMPAIXÃO PELA MESSE!”: FILHAS DO DIVINO ZELO E AS PEDAGOGIAS MISSIONÁRIAS EM AÇÃO NA VILA OPERÁRIA MINERAÇÃO DE IÇARA (SC- BRASIL) 1959 A 1968

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo é um recorte de um estudo que analisou, numa perspectiva histórica, as práticas protagonizadas por congregações religiosas femininas em vilas operárias do complexo carbonífero do sul do Estado de Santa Catarina, entre os anos de 1950 e 1980. Neste estudo, o destaque será dado à Congregação das Filhas do Divino Zelo, que atuou junto às famílias da Vila Operária Mineração, localizada no município de Içara, pertencente à Companhia Carbonífera Barão do Rio Branco, entre os anos de 1959 a 1968. O objetivo do estudo foi compreender tais pedagogias em ação, a partir de ações socioeducativas junto aos operários e suas famílias, especialmente filhos, filhas e esposas.

A pesquisa assentou-se num corpus empírico composto por documentos produzidos a partir da História Oral, bem como documentos escritos e iconográficos, conservados pela congregação. No processo de levantamento de fontes um documento importante foi localizado, depositário de indícios preciosos dessas práticas, minuciosamente descritas e registradas, um livro manuscrito, uma espécie de crônica<sup>3</sup> denominada “Historia della Casa” (1959-1968). As

<sup>3</sup> É narrativa histórica que expõe os fatos seguindo uma ordem cronológica. A palavra crônica deriva do grego “*chronos*”, que significa tempo.

informações encontradas neste registro foram contrastadas com os demais documentos da pesquisa com o intuito de promover uma maior aproximação às práticas protagonizadas pelas religiosas.

A região sul de Santa Catarina caracteriza-se pelas marcas profundas das atividades carboníferas, tanto no campo social, político, cultural e econômico quanto ambiental. Desde o início do século XIX até o final do século XX a extração do carvão mineral dinamizou a vida econômica da região, circunscrita no complexo carbonífero. Este, por sua vez, era constituído por companhias carboníferas, ferrovia, lavador de carvão, termoeletrica, carboquímica e porto. Neste contexto, vilas operárias foram constituídas em meio a uma forte expansão das atividades carboníferas. Na localidade de Mineração, localizada no então Distrito de Içara (SC), montou-se uma estrutura produtiva para extrair e beneficiar o carvão, com destaque para a Companhia Carbonífera Barão do Rio Branco, empresa que centralizava as atividades carboníferas do bairro e era responsável em manter serviços de assistência social junto às famílias operárias.

Sob o carisma<sup>4</sup> Compaixão pela messe!, em 1959, as Filhas do Divino Zelo começaram a trabalhar na Vila Operária da Mineração, fundando ali a Casa Assistencial em 1962 e, posteriormente, inauguraram, no centro da cidade de Içara, a primeira escola particular, o Colégio Cristo-Rei. Há indícios de que as Filhas do Divino Zelo tenham permanecido na Casa Assistencial até o final de 1968.

## **O COMPLEXO CARBONÍFERO CATARINENSE E AS VILAS OPERÁRIAS MINEIRAS**

Dentro do complexo carbonífero catarinense atuavam as unidades de produção (companhias carboníferas), transportes (ferrovia e porto) e beneficiamento do carvão (termoeletrica, lavador e carboquímica). Na área da produção havia inúmeras

<sup>4</sup> Graça ou dom divino, conforme prega o catolicismo.

companhias localizadas nos municípios da região carbonífera do sul catarinense.

O complexo carbonífero catarinense era a base para a indústria siderúrgica brasileira localizada no Sudeste (RJ, SP, MG e ES), fornecendo o carvão metalúrgico, além de produzir o carvão vapor para a geração de energia na termoeletrica Jorge Lacerda, localizada em Tubarão (SC). As atividades de extração, beneficiamento e transporte do carvão mineral no sul de Santa Catarina sempre estiveram associadas às demandas da economia nacional.

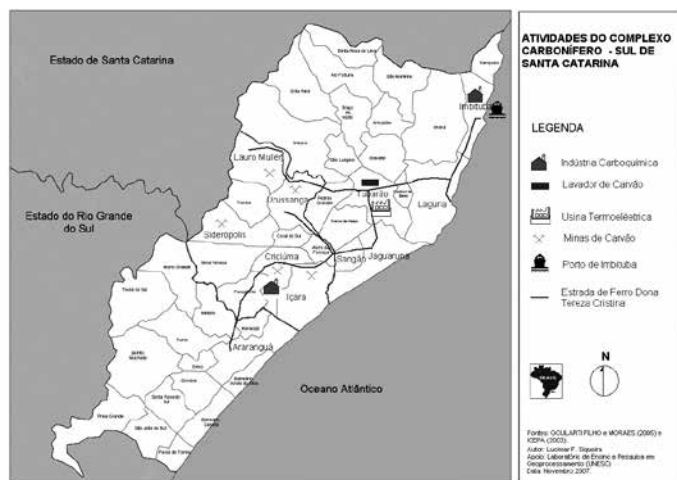
Do final do século XIX até os anos de 1940, o mercado consumidor do carvão catarinense englobava as ferrovias e a navegação que utilizavam o mineral como combustível. Com os adventos da industrialização, nos anos de 1940 e 1950, o carvão passou a ser melhor aproveitado nas grandes siderurgias estatais, cuja fração metalúrgica era utilizada para a produção do aço.

Nos anos de 1960, para suprir a deficiência da oferta de energia, o carvão catarinense também começou a ser utilizado na recém-inaugurada Termoeletrica Jorge Lacerda (1965), que gerava e distribuía energia para toda Santa Catarina e norte do Rio Grande do Sul. No final dos anos de 1970, com a inauguração da indústria carboquímica, começou a extrair do rejeito piritoso o enxofre para a produção de insumos para a indústria de fertilizantes (GOULARTI FILHO, 2007).

Neste processo de melhor aproveitamento das propriedades do carvão mineral catarinense toda estrutura produtiva montada ainda no final do século XIX, como a Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina e o Porto de Imbituba, teve que se adaptar constantemente às mudanças exigidas pelas novas demandas. Formou-se um complexo carbonífero composto por várias unidades que estavam integradas entre si e voltadas para o mercado nacional (transporte e siderurgia) e local (energia).

Este complexo em operação acionava várias atividades econômicas que estavam integradas pelo viés comercial e produtivo. Entre os anos de 1940 e metade dos anos de 1970, o complexo e as atividades carboníferas constituíram a base econômica da região sul de Santa Catarina, e em boa medida o seu desempenho era que ditava os rumos das políticas sociais e partidária.

Figura 1: Mapa do Sul do Estado de Santa Catarina indicando localização das atividades do complexo carbonífero



Fonte: RABELO, 2008, p. 38.

Nos principais municípios da região sul catarinense, onde havia atividades carboníferas, montou-se uma estrutura produtiva, de beneficiamento e transporte do carvão até um centro maior que se encarregava de distribuí-lo para o lavador, a termoeletrica, a carboquímica e o porto. Os centros menores ficavam em bairros e distritos das principais cidades carboníferas. Nestes locais, como em outras regiões do país, foram construídas várias vilas operárias mineiras, a fim de alojar os trabalhadores e suas famílias.

A vila operária, da forma como se apresentou na região, respeitando as especificidades decorrentes do contexto

e das condições materiais, do tipo de atividade econômica, da localização e da época de implantação, é um dos desdobramentos da revolução industrial desencadeada, de forma mais contundente, a partir da segunda metade do século XVIII, sendo a Inglaterra o “país clássico desta revolução”, como afirmou Friedrich Engels em sua obra intitulada *A situação da classe trabalhadora em Inglaterra* (1975). Engels assim referenciou a “ordem urbana-industrial” que vinha se constituindo, ou seja, a formação das vilas operárias:

Um grande empreendimento industrial exige numerosos operários trabalhando juntos num mesmo edifício; eles têm que habitar juntos: para uma fábrica média já constituem uma vila. Têm necessidades para cuja satisfação outras pessoas são necessárias; os artesãos: alfaiates, sapateiros, padeiros, pedreiros e marceneiros afluem. Os habitantes da vila, sobretudo a geração mais jovem, habitam-se ao trabalho na fábrica, familiarizam-se com ele e, logo que a primeira fábrica, como se compreende já não os pode ocupar a todos, o salário baixa e, por consequência, vêm-se instalar novas indústrias. De tal modo que a vila se transforma numa pequena cidade e a pequena cidade numa grande cidade (ENGELS, 1975, p. 53).

As vilas operárias do complexo carbonífero não eram constituídas apenas pelas casas dos operários. Foram criadas outras estruturas para a manutenção das famílias. Além de seduzir e fixar mão-de-obra pode-se afirmar que outro objetivo da vila operária era a redução do custo da reprodução da força de trabalho, mas não só, pois se tratava também de uma operação eficaz, produzida pelos donos das empresas, para disciplinar e controlar os corpos dos operários para o alcance de maior produtividade e lucratividade possível.

Portanto, a concessão das casas aos operários se traduzia na tentativa dos donos das empresas de estender o controle

operado na esfera da produção para a esfera da reprodução operária. Esse tipo de controle implicou a organização de um conjunto de regras de comportamento imposto ao operariado e as suas famílias. Algumas dessas regras foram incorporadas, outras burladas ou até negadas. No complexo carbonífero a vida cotidiana dos operários, os seus costumes, os momentos de lazer, a sua participação política, a relação entre os membros de sua família, não escaparam do monitoramento dos donos e diretores das empresas.

No entanto, é importante pensar que as estratégias de controle não instituíram um todo uniforme e homogêneo. Historicamente, como nos lembra Maria Auxiliadora Guzzo Decca (1987, p. 49),

Esse domínio sobre o proletariado industrial e urbano se efetivou diferentemente nos locais de trabalho e fora deles, em períodos e locais determinados. Homogeneizar mecanicamente a dominação no “trabalho” e, por decorrência, na “vida”, de certa forma retira a historicidade de um processo que ocorre conflituosamente a partir da emergência do operariado como força social [...].

Na região que compreendia o complexo carbonífero, certas vilas ou seus fragmentos resistem até os dias de hoje, algumas quase intactas, outras totalmente destruídas e outras, ainda, bastante alteradas. A imagem que se tem das primeiras vilas delinea-se por uma composição de casas de madeira individuais ou geminadas, escuras, com poucos cômodos, em média quatro: dois quartos, uma sala e uma cozinha, cada qual com sua privada, sem iluminação elétrica, sem água encanada, sem sistema de esgoto, com janelas de madeira e sem vidraças, portas fechadas por “tramelas”<sup>5</sup> confeccionadas com pequenos tocos de madeira, sem forro, cobertas com telhas de barro,

<sup>5</sup> Trancas de madeira utilizadas para fechar as portas.



com chaminés para conduzir a fumaça dos fogões a lenha e, por fim, construídas sobre a “pirita” (rejeito de carvão).

O desenho se completa com as casas dispostas em traçados lineares, distribuídas lado a lado, sendo mais tarde circundadas com cercas de estanquetas de madeira que separavam uma casa da outra. Além das casas, o armazém, o açougue, o campo de futebol, a igreja, existiam outros aparelhos coletivos. Entretanto, há sinais de que outra formatação de vila operária, mais rústica que esta, existiu anteriormente na região.

A localidade de Mineração, no município de Içara, foi um destes bairros onde se montou uma estrutura produtiva para extrair e beneficiar o carvão, com destaque para a Companhia Carbonífera Barão do Rio Branco, empresa que centralizava todas as atividades carboníferas do bairro e era responsável em manter serviços de assistência social junto às famílias operárias. Para atingir essa finalidade contou, a partir de 1959, com o trabalho das Filhas do Divino Zelo.

## **CONGREGAÇÃO FILHAS DO DIVINO ZELO NA ITÁLIA E A VINDA PARA O BRASIL**

Em 1887 foi criada pelo Pe. Aníbal Maria Di Francia a Congregação Filhas do Divino Zelo. Anos mais tarde ele também criou outra congregação, desta vez masculina, a dos Rogacionistas. Pe. Aníbal nasceu em Messina, na Itália, e era filho de Anna Toscano e Francisco Marquês de S. Catarina de Jonio, vice-cônsul pontifício e capitão honorário da marinha. Teve quatro irmãos e ficou órfão de pai aos 15 meses de idade.

Ao completar seus estudos foi ordenado sacerdote, em 16 de março de 1878. Com o consentimento do Bispo, foi morar na periferia da cidade de Messina para trabalhar com os órfãos e pobres. A partir de 1882, fundou orfanatos, colocando-os sob a proteção de Santo Antônio de Pádua, daí recebendo o nome de antonianos. Nessas instituições os órfãos recebiam comida, trabalho, educação moral e religiosa.

**Figura 2:** Beato Annibale Maria Di Francia (1851-1927)



Fonte: <http://www.litografiacristore.it/pages/fondatore.html>

As Filhas do Divino Zelo têm como co-fundadora Maria Majone. Nasceu na Itália e foi a última dos seis filhos de Bruno Majone e Marta Falcone. Viveu sua infância e adolescência no povoado de Graniti, na região de Catânia, na Itália. Além dos afazeres de casa e as ocupações na igreja paroquial, onde ensinava o catecismo para crianças menores, também era atuante na Pia União das Filhas de Maria.

Em 1889 conheceu a obra de Padre Aníbal, através de duas religiosas que foram a Graniti pedir esmolas. Depois de uma visita a Avinhone, Maria Majone entrou no recém-fundado instituto, no ano de 1889. Por sua adesão radical à causa da obra, assumiu muito cedo a coordenação geral como Madre. Pe Aníbal Di Francia a reconheceu “Co-fundadora” das Filhas do Divino Zelo (HISTÓRICO da Congregação das Filhas do Divino Zelo, 2007).

**Figura 3:** Madre Nazarena Majone (\*21/06/1869 e +25/01/1939).



**Fonte:** [http://www.istitutospiritoso.net/madre\\_nazarena.html](http://www.istitutospiritoso.net/madre_nazarena.html)

Sob o carisma Compaixão pela messe!, as Filhas do Divino Zelo estão espalhadas por 11 países nos cinco continentes: Albânia, Austrália, Bolívia, Brasil, Camarões, Coreia do Sul, Espanha, Estados Unidos, Filipinas, Índia, Indonésia, Itália, México e Rwanda (HISTÓRICO das Filhas do Divino Zelo, 2007). Chegaram ao Brasil, em Três Rios no Rio de Janeiro, no ano de 1951.

Em 1959 elas começaram a trabalhar na Vila Operária da Mineração, localizada no Distrito de Içara, a partir da chegada, em 22 de maio. Nesta vila operária fundaram a Casa Assistencial da Mineração e, em 1962, inauguraram, no centro da cidade de Içara, a primeira escola particular, o Colégio Cristo-Rei<sup>6</sup>. Na época da chegada da congregação,

<sup>6</sup> O colégio existe até os dias de hoje e atende desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.

o Pe. Bernardo Junkes havia tomado posse como vigário da paróquia de Içara<sup>7</sup>.

Nos registros do Diário da Casa Assistencial da Mineração de Içara, ou seja, documento que reúne um conjunto de apontamentos sobre a “Historia della Casa” (1959-1968)<sup>8</sup>, consta que as Filhas do Divino Zelo vieram diretamente da Itália, convidadas pelos padres Rogacionistas de Criciúma. A abertura da casa em Içara<sup>9</sup> tinha como finalidade expandir o número de vocações. Para essa missão foram enviadas as irmãs Maria Benevenuta, Maria Elena e Maria Donatina. Elas chegaram a Criciúma na companhia de Madre Palmira, no dia 16 de abril de 1959.

#### **AVILA OPERÁRIA DE MINERAÇÃO DE IÇARA E A INSTALAÇÃO DAS PEQUENAS IRMÃS DA DIVINA PROVIDÊNCIA**

Antes de instalarem-se na Casa Assistencial, permaneceram hospedadas, por alguns dias no Bairro da Juventude, instituição administrada na época pelos padres Rogacionistas, em Criciúma. No dia 11 de maio do mesmo mês, se dirigiram a Florianópolis, onde fizeram um estágio de uma semana oferecido pela Diocese, a fim de obterem formação para o encargo de assistência social. Na capital, foram hospedadas no Colégio das Irmãzinhas da Imaculada Conceição.

Ao retornarem a Criciúma, receberam a notícia de que os mineiros estavam em greve. Segundo os registros, o fato impediu as irmãs de dirigirem-se para a Casa Assistencial na data planejada. Ao consultar o artigo escrito por Alcides

<sup>7</sup> O Pe. Bernardo Junkes tomou posse em 29/01/1958, permanecendo por 34 anos no comando de Içara (BIFE, 1997, p. 123).

<sup>8</sup> A cópia deste documento, todo escrito em italiano, foi cedida pela Ir. Eliete, da Congregação das Filhas do Divino Zelo, Diretora do Colégio Cristo-Rei de Içara na ocasião da visita a este estabelecimento, em novembro de 2005. O documento foi traduzido em forma de áudio, pelo Prof. Jorge Darós, e transcrito pelo acadêmico Marcos Juvêncio de Moraes, do Curso de História/UNESC, totalizando 56 páginas. A cópia traduzida foi entregue a Ir. Eliete, conforme a pesquisadora havia se comprometido.

<sup>9</sup> Nessa época (1959), Içara pertencia ao município de Criciúma.

Goularti Filho e Ângela Maria Antunes do Livramento, intitulado “Movimento operário mineiro em Santa Catarina nos anos de 1950 a 1960”, este tenso episódio é confirmado. Segundo Goularti e Livramento (2004, p. 81):

Entre os dias 2 e 20 de maio, mais uma greve assolou Criciúma. Como encaminhamento tomado na assembléia do dia 26/4/1959, os trabalhadores das minas em Criciúma deveriam permitir apenas o funcionamento de um bombeiro em cada poço. O Sindicato aconselhava os operários novos a ficarem em casa para não serem perseguidos como na última greve.

Por conta dessa situação, a casa só foi inaugurada no dia 22 do mesmo mês e sobre o evento o diário da casa noticia:

[...] às 8 horas desse dia o Revmo. Pe. Paulo nos acompanha de *Jeep* e às 9 horas leva-nos à Mineração. Logo após o meio dia, um grupo de rapazes e de meninas nos recebe e com eles as suas mães, na praça da pequena Igreja de tábuas e são poucos os homens, sendo um dia de trabalho. Depois de clamorosas salvas de palmas entramos na Igreja para assistir a celebração da Santa Missa. Na Igreja fomos colocadas num lugar de honra e ao evangelho um pequeno sermão para a ocasião. Em toda a missa orações e cantos, terminando com três ave-marias pelas irmãs com a jaculatória refúgio dos pecadores rogai por nós. Terminada a Santa Missa, vamos todos juntos até a nova casa, onde o Revmo. Pe. Paulo se apresenta ao povo como rogacionista e entre outras coisas diz: estas irmãs vieram da longínqua Itália, elas deixaram tudo, a pátria, a família, as irmãs e agora todos os seus afetos e as suas preocupações são e serão sempre por vocês, especialmente pelos vossos filhos. Terminadas essas poucas palavras, saudamos a todos e entramos na casa em companhia do Revmo. pároco e do Revmo. Pe. Paulo. (HISTÓRIA della Casa -1959-1968, p. 4)

Figura 4: Casa Assistencial da Mineração de Içara (1959)



Fonte: Álbum de fotografias das Filhas do Divino Zelo.

A chegada das irmãs em Mineração de Içara configurou-se num evento importante para a pequena e pacata vila. O relato da Ir. Maria Ângela de Andrade<sup>10</sup>, da Congregação das Filhas do Divino Zelo, que na época era criança, revela o caráter ritualístico dessa chegada.

Quando cursava a 4ª série do Ensino Fundamental [na Escola Maria da Glória e Silva, localizada na Vila Operária da Mineração], a turma recebeu a notícia de que, no mês de maio, algumas irmãs deveriam chegar, para trabalharem com as famílias. Eu tinha apenas dez anos de idade e minha turma foi convidada para receber as irmãs no dia memorável, 22 de maio de 1959. Juntamente com a professora Dona Izabel, seguimos até em frente da capela “Santa Bárbara”, padroeira da Mineração, e lá encontramos um grande número de pessoas que as esperavam. Formamos um grande

<sup>10</sup> Maria Ângela de Andrade é seu nome religioso, mas o nome de batismo é Elza Andrade. Consta nos registros da Casa Assistencial de Mineração de Içara que Elza ingressou na congregação no dia 22 de dezembro de 1959, sendo a segunda Apostolina, ou seja, a segunda menina autorizada pelos pais a morar na casa, com intuito de ser freira.

corredor, da frente da capela até à entrada da casa, onde as irmãs iriam morar. Do lado da casa havia um grande salão onde elas iriam trabalhar com as famílias. Tanto a casa como o salão foram construídos pelo SESI (Serviço Social da Indústria). Lá pelas 11:00h mais ou menos, elas chegaram. Eram três irmãs italianas: Irmã M. Benvenuta Insana, Irmã M. Donatina Ferretti e Irmã M. Elena Gallippi, que após permanecerem alguns meses no Rio de Janeiro, para aprender um pouquinho da Língua Portuguesa, entraram pelo corredor formado de pessoas e com aplausos e pétalas de rosas, foram recebidas com muito carinho; sorrindo e abanando as mãos entraram na casa que as esperava<sup>11</sup>.

No dia seguinte, após a chegada das religiosas, receberam a visita do senhor João Gabriel Macari, representante da Companhia Carbonífera Barão do Rio Branco - MINERASIL. No mês seguinte, receberam os representantes do SESI. De acordo com os relatos, muitas pessoas da comunidade passaram a visitá-las também, com o propósito de matricularem-se no curso de corte e costura e pedirem informações a respeito de medicamentos, assunto do qual elas tinham pouco domínio, conforme os registros, “matéria in cui noi siamo completamente al breio” (HISTÓRIA della Casa -1959-1968, p. 5).

O diário da casa registra que as Filhas do Divino Zelo tiveram que recorrer às experiências de outra congregação no início das atividades. Há uma passagem informando que no dia 9 de junho de 1959, durante os primeiros dias de trabalho na vila operária, a Madre Benevenuta vai à Vila Operária de Santana, também pertencente à Mineração Geral do Brasil - MINERASIL, conferenciar com Ir. Honorina, que coordenava os trabalhos da Congregação das Irmãs Beneditinas da Divina Providência, como mencionado anteriormente.

<sup>11</sup> Trecho da carta enviada por meio de mensagem eletrônica pela Ir. Ângela de Andrade, no dia 30 de outubro de 2005, às 16h24min.

A MINERASIL era uma das empresas pertencentes ao “Grupo Jafet”, formado por filhos de imigrantes libaneses radicados em São Paulo, desde o final do século XIX. Entre as jazidas de minérios que pertenciam à MINERASIL estavam as minas de carvão localizadas no distrito de Içara. Neste distrito a empresa assumiu outra razão social, passando a ser denominada de Companhia Carbonífera Barão do Rio Branco. As minas de carvão desta empresa foram incorporadas pela Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), a partir de 1968, e mais tarde, em 1982, absorvidas pela Carbonífera Próspera S.A., subsidiária da CSN, desde 1953. A “Barão”, como era popularmente conhecida, com a finalidade de abrigar seus operários, construiu a Vila Operária da Mineração.

Nos registros do Diário da Casa Assistencial da Mineração de Içara, ou seja, documento que reúne um conjunto de apontamentos sobre a “Historia della Casa” (1959-1968), consta que as Filhas do Divino Zelo vieram diretamente da Itália, convidadas pelos padres Rogacionistas de Criciúma, cidade vizinha. A abertura da casa em Içara em 1959 tinha como finalidade expandir o número de vocações. A Casa Assistencial, em sua trajetória, recebeu várias religiosas imbuídas da missão de atender às famílias dos operários da Companhia Carbonífera Barão do Rio Branco.

Ir. Flórida, integrante da Congregação Filhas do Divino Zelo, em seu relato sobre a vila operária expressou seu estranhamento em relação àquele lugar no momento de sua chegada, em julho de 1964: “A impressão que tive, quando vi aquelas casas de madeira, que nunca tinha visto, foi de gente abandonada [...]. As casas eram todas de madeira, tipos de casa de campo ou de roça. Poucas eram casas próprias”<sup>12</sup>.

D. Ana, que foi professora durante 23 anos na Escola Estadual Maria da Glória Silva, também estranhou muito o lugar. Ela morava no centro de Içara e se dirigia todos os dias para lecionar na escola pública estadual Maria da Glória Silva.

<sup>12</sup> Trecho da Carta da Ir. Flórida enviada à pesquisadora em dezembro de 2005.



Eu estranhei porque as casas eram todas de madeira e bem pretas, todas com cercas de estanquetas. Uma coisa que me impressionou muito, quando eu cheguei lá, foram as panelas que eram muito ariadadas [reluzentes]. Nós nos espelhávamos nas panelas. As bacias de alumínio que ficavam penduradas nas paredes eram um brilho só! A primeira coisa que chamou a atenção foi aquilo ali<sup>13</sup>.

Sobre as condições das habitações e da infra-estrutura da Vila Operária da Mineração, o senhor Oscar<sup>14</sup>, operário da CCBRRB, afirma que não havia água encanada nas casas, com exceção das casas dos encarregados e engenheiros. Só muito tempo depois é que colocaram, mas a água era salobra, então as casas tinham poços artesianos e a água era tirada com balde. Quanto à energia elétrica, “era só até as 11 horas da noite, depois apagava tudo”<sup>15</sup>, acrescenta D. Dorilda, esposa do senhor Oscar.

Animais domésticos, porcos, galinhas, vacas, carneiros e cabritas conviviam com os moradores da vila operária, principalmente com as crianças. Criava-se muitas cabritas, algumas para puxarem carrocinhas de moradores que revendiam verduras e frutas na vila operária. Apesar disso, na percepção do senhor Oscar, o problema da mortalidade infantil era algo que não preocupava os moradores, pois “pelo que era até que morriam poucas crianças”<sup>16</sup>, afirma ele.

A vila operária tinha um Posto de Abastecimento de gêneros alimentícios de primeiras necessidades e um Jardim de Infância, ambos mantidos pelo Serviço Social da Indústria

<sup>13</sup> Ana Giassi Goularti. Entrevista concedida a Giani Rabelo, em 13/01/2007, em Içara/SC.

<sup>14</sup> Oscar Rabelo. Entrevista concedida a Giani Rabelo, em 15/02/2007, em Criciúma/SC.

<sup>15</sup> Dorilda Gomes Rabelo. Entrevista concedida a Giani Rabelo, em 15/02/2007, em Criciúma/SC.

<sup>16</sup> Oscar Rabelo. Entrevista citada.

(SESI). Existia também um Ambulatório Médico mantido pela própria empresa. Nesta vila, como nas demais do complexo carbonífero, havia diferenciação entre as casas. Existiam em torno de cinco a seis casas de alvenaria onde moravam os encarregados, elas ficavam próximas do escritório da companhia.

Além de possuírem mais cômodos, tinham água encanada, energia elétrica e banheiro com chuveiro elétrico e uma banheira. Mas tinha outra casa com mais conforto que estas, em que residiam as famílias dos engenheiros que por ali atuavam. Ela era afastada de todas as outras, e para chegar até ela era preciso entrar numa porteira e seguir um caminho ladeado de ciprestes.

A companhia tinha um time de futebol que fazia muito sucesso na região. Era conhecido por todos como “Barão”, em alusão à empresa que se chamava Companhia Carbonífera Barão do Rio Branco. O time “Barão” tinha seu próprio estádio construído e mantido pela empresa.

Como nos outros times de futebol das mineradoras da região, os jogadores eram os próprios trabalhadores que eram dispensados nos dias de jogos e não ganhavam nenhum salário extra por isso. Os jogos eram sempre prestigiados pelos moradores e quando o time jogava fora com outro time da região um grande número de torcedores acompanhava-o. Além das partidas de futebol, os bailes que aconteciam na Sede Recreativa do “Barão” eram outra forma de diversão.

A empresa mantinha as religiosas na vila operária, inclusive fazendo a manutenção das próprias instalações utilizadas por elas, e de acordo com Ir. Flórida elas mantinham uma boa relação, “principalmente com o senhor Macari, que sabia o segredo de cativar”<sup>17</sup>.

Já a remuneração das religiosas ficava por conta do SESI, pois segundo os registros, “no dia 18 de agosto de 1960, vem o senhor Barreto com a secretária e nos dão 500.000

<sup>17</sup> Trecho da Carta da Ir. Flórida enviada à pesquisadora em dezembro de 2005.

cruzeiros”. No final do mesmo ano, há um novo registro no livro *Historia della Casa*, apontando que elas receberam a visita de um funcionário do SESI que entregou o valor referente à mensalidade do mês de novembro, com aumento, e realizou também o pagamento dos valores atrasados da metade de outubro.

Na visão das religiosas, isso soou como uma graça divina, levando-as a fazer o seguinte apontamento no diário: “A esta delicadeza do Menino Jesus, nós ficamos comovidas e fomos à capela para rezar um terço em agradecimento” (*HISTÓRIA della Casa*, 1959-1968, p. 11).

### **“COMPAIXÃO PELA MESSE!”: FILHAS DO DIVINO ZELO E AS PEDAGOGIAS MISSIONÁRIAS EM AÇÃO**

As aulas de bordado e corte e costura tiveram início no dia 3 de agosto de 1959, através de um convênio com o SESI. Fragmentos do diário ratificam a existência desse convênio. Em outubro de 1959, receberam a visita do senhor Francisco de Oliveira, vindo de Florianópolis, e no final de novembro contaram com a presença de uma professora que presidiu os exames de corte e costura de 23 jovens. Em março de 1960, a Ir. Benevenuta frequentou, em Florianópolis, um curso de ornamentação do lar, oferecido pelo SESI.

Essa relação com o SESI implicava a remuneração das irmãs, pois segundo os registros, “no dia 18 de agosto de 1960, vem o senhor Barreto com a secretária e nos dão 500.000 cruzeiros”. No final do mesmo ano, há um novo registro, apontando que elas receberam a visita de um funcionário do SESI que entregou o valor referente à mensalidade do mês de novembro, com aumento, e realizou também o pagamento dos valores atrasados da metade de outubro. Na visão das irmãs, isso soou como uma graça divina, levando-as a fazer o seguinte apontamento no diário: “A esta delicadeza do Menino Jesus, nós ficamos comovidas e fomos à capela para rezar um terço em agradecimento” (*HISTÓRIA della Casa*, 1959-1968, p. 11).

Mesmo com o atraso no pagamento, as religiosas veem a chegada do recurso como uma graça divina, por intermédio do Menino Jesus, até pela proximidade da data de seu nascimento, ou seja, o Natal. Esse registro nos leva a entender que elas não se veem como funcionárias do SESI com direito a um salário em contrapartida a todo o trabalho realizado até ali. A atuação delas na vila operária parece ser concebida como o cumprimento da missão da própria congregação.

A formatura das alunas era um momento de comemoração, configurando-se em grandes eventos. Na formatura de 1960, depois da entrega dos diplomas, as alunas saborearam guloseimas ofertadas pelo SESI, em companhia de seus familiares, representantes da instituição, da MINERASIL, padrinhos da turma e pessoas da comunidade. Na mesma ocasião foi aberta a exposição dos trabalhos de “crochê, trabalhos de malha e corte e costura” (HISTÓRIA della Casa, 1959-1968, p. 12).

Em setembro de 1960, as Filhas do Divino Zelo receberam a visita de Ir. Ana e Ir. Honorina, além de outra irmã, pertencentes à Congregação das Irmãs Beneditinas da Divina Providência, que vieram presidir os exames de corte e costura das formandas. Entre as alunas, filhas e esposas dos mineiros estavam uma freira e uma postulante da congregação.

Nesse mesmo mês, a Ir. Benevenuta visitou as vilas operárias de Lauro Müller, uma localizada no centro da cidade e outra em Guatá, para assistir aos exames do curso de corte e costura oferecido pelas irmãs do Instituto Coração de Jesus e da mesma forma mantido pelo SESI. É bem provável que esta interação entre as congregações conveniadas resultava de uma determinação do SESI, com o objetivo de qualificar os cursos mantidos pela instituição.

Além dos cursos, outras atividades são mencionadas. No final de cada ano era comum as religiosas distribuírem alimentos, comprados pela empresa, às famílias dos operários, e também balas às crianças. As religiosas eram presenteadas com cestas e bolos.

A preparação das crianças para a Primeira Comunhão se constituía também numa das atribuições das religiosas. Em maio de 1960, 68 crianças fizeram a Primeira Comunhão na Igreja de Santa Bárbara. No dia 1º de abril de 1961 mais 93 crianças receberam esse sacramento. As anotações do diário sobre o evento da Primeira Comunhão de 1961 sugerem que esta data era motivo de comemoração, já que relatam que “depois da missa as crianças vão à sala da Casa Paroquial e com indescritível alegria comem e bebem. Comem doces com café com leite” (HISTÓRIA della Casa -1959-1968, p. 14).

As religiosas dessa congregação, as “boas operárias entre os mineiros”, como foram denominadas no documento comemorativo aos 50 anos de presença das Filhas do Divino Zelo na América Latina,

[...] exerciam um trabalho assistencial junto às famílias dos mineiros do bairro, principalmente às mães e recém-nascidos. Era, em germe, o que é a Pastoral da Criança atualmente. Ministravam cursos de corte-e-costura e bordado, animavam a catequese e as celebrações da Capela de Santa Bárbara (Histórico da Província Latino Americana Nossa Senhora do Rogate, 2000, p. 19-20).

A respeito do trabalho ali realizado junto às famílias,

[...] além da assistência e cuidado com as crianças do Jardim de Infância, as irmãs davam aula de corte e costura, bordado, faziam visitas às famílias. De 15 em 15 dias faziam a pesagem das crianças, principalmente os recém-nascidos, e era feita a vacina tríplice e visita nas casas para observar a higiene, etc [...]¹⁸.

Sobre o trabalho assistencial realizado pelas religiosas, D. Ana¹⁹ diz que elas trabalhavam muito com as mulheres

¹⁸ Trecho da Carta da Ir. Flórida enviada à pesquisadora em dezembro de 2005.

¹⁹ Ana Giassi Goularti. Entrevista citada.

dos mineiros, orientando-as em relação à higiene corporal, à higiene da casa e também realizavam um intenso trabalho na área de puericultura. No entanto, ela não lembra de ser a mortalidade infantil um problema na Vila Operária da Mineração.

As religiosas, nas visitas domiciliares, cobravam das mães os cuidados com a casa e com as crianças, e há indícios de que as casas da vila operária respeitavam alguns princípios de higiene. D. Ana relata que, mesmo as casas sendo pretas por fora, ou seja, eram de madeira sem nenhum tipo de pintura e com o tempo iam ficando escuras, por dentro as paredes eram bem claras, “as mulheres lavavam as paredes com palha de aço”<sup>20</sup>. E ainda acrescenta: “Havia até certa concorrência entre as esposas dos operários quanto à limpeza das casas”.

D. Dorilda também reforça esta ideia, inclusive lembra que as mulheres iam às casas umas das outras para compararem se estavam bem limpas quanto as delas. “Era tudo bem limpinho. Todas as casinhas bem limpinhas, as estradas bem limpinhas, elas varriam até as estradas. Era tudo bem caprichado. Todo mundo limpava bem, as mulheres passavam palha de aço por dentro das casas”<sup>21</sup>.

Ela conta também que costumava plantar em seu terreno milho, feijão, verduras, vagem, uva, ervilha e que outras famílias faziam isso também. Já Ir. Flórida, mesmo admitindo que as mulheres cuidavam da limpeza das casas, alerta: “As casas eram mantidas muito limpinhas pelos habitantes, apesar dos animais, como porquinhos, cabritos e outros que se alojavam debaixo das casas”<sup>22</sup>.

Mas a limpeza da casa ocupava pouco tempo das esposas dos mineiros. Depois de terminarem o serviço, costumavam ficar sentadas nas portas frontais, conversando. “As mulheres

<sup>20</sup> Espécie de esponja com fios de aço para limpeza.

<sup>21</sup> Dorilda Gomes Rabelo. Entrevista citada.

<sup>22</sup> Trecho da Carta da Ir. Flórida enviada à pesquisadora em dezembro de 2005.

só faziam a comida, lavavam a roupa e não tinham mais o que fazer”<sup>23</sup>, até porque as casas eram muito pequenas e a maioria não trabalhava fora, exceto aquelas que eram professoras ou tinham algum tipo de comércio.

Depois que as religiosas chegaram à Vila Operária da Mineração é que as mulheres começaram a ocupar o tempo, que era considerado improdutivo, com outras atividades. O tempo improdutivo e a proximidade entre as casas talvez tenha sido um dos motivos causadores da proliferação de tantas “fofocas” na vila operária, era um “diz que me disse”, e muitos desentendimentos. E nessas situações de conflito as religiosas intervinham, até porque “as irmãs estavam sempre no meio, apaziguando as coisas”<sup>24</sup>.

O senhor Oscar confirma essa prática dizendo que ocorriam muitas brigas e muitas fofocas, chegando a usar a seguinte expressão “mulher de operário já viu, né?”<sup>25</sup>. D. Dorilda, sua esposa, que havia morado quando pequena na Vila Operária de Mineração de Içara e retornou aos 18 anos por ter se casado com o senhor Oscar, revela ter estranhado muito o comportamento das mulheres dos mineiros e dos costumes das famílias na vila operária. Ela estranhou o fato de as mulheres irem muito às casas uma das outras e descreve: “Tinha muita fofoca, Nossa Senhora! Todo mundo sabia da vida do outro, todo mundo sabia de tudo, era horrível! Estranhei bastante no começo, depois fui me acostumando”<sup>26</sup>.

Mas não foi só isso. Também estranhou o comportamento dos homens que ficavam nos bares bebendo e jogando até tarde, depois do horário de trabalho. Ela afirma que a maioria dos mineiros frequentava os bares e a sede recreativa do Barão e muitos se tornaram alcoólatras.

---

<sup>23</sup> Ana Giassi Goularti. Entrevista citada.

<sup>24</sup> Ana Giassi Goularti. Entrevista citada.

<sup>25</sup> Oscar Rabelo. Entrevista citada.

<sup>26</sup> Dorilda Gomes Rabelo. Entrevista citada.

D. Ana lembra que os gastos exagerados eram muito comentados entre os moradores. Com o envolvimento das mulheres nos cursos promovidos pelas religiosas, ela avalia que houve uma mudança, ou seja, as mulheres ficaram mais criteriosas na hora de realizar as compras, mas havia aquelas que continuavam agindo da mesma forma, e nas palavras de D. Ana “elas não tinham vontade, não aproveitavam as oportunidades”<sup>27</sup> para aprenderem novos hábitos.

O fato de algumas mulheres resistirem às orientações das religiosas demonstra quanto o poder é relacional, pois “a partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência. Jamais somos aprisionados pelo poder: podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa” (FOUCAULT, 1992, p. 241).

Outras transgressões, como os gastos com supérfluos, contrastavam com a vida monástica das religiosas, que em função da formação recebida nos conventos eliminavam e evitavam tudo aquilo que parecia excessivo no cotidiano dos seus ambientes de convívio, optando sempre pelo mais simples e singelo, atendendo somente as necessidades básicas. Neste sentido, as pedagogias missionárias postas em prática pelas Filhas do Divino Zelo que tentaram impor uma “vontade disciplinante”, nas palavras de Roger Chartier (2004), não atingiram os sujeitos de forma uniforme, tampouco homogênea.

Mas se os cursos realizados em convênio com o SESI tinham a finalidade de disciplinar as mulheres dos mineiros, ensinando-as a cuidar melhor do lar, a ser mais comedidas nos gastos e, além disso, aproveitar mais o tempo durante o dia, estes mesmos cursos também foram utilizados para atrair meninas menores para a congregação, ampliando assim o número de aspirantes.

<sup>27</sup> Ana Giassi Goularti. Entrevista citada.



No final de cada ano era comum as religiosas distribuírem alimentos, comprados pela empresa, às famílias dos operários e também balas às crianças. As religiosas eram presenteadas com cestas e bolos.

Na Vila Operária da Mineração como nas outras vilas operária do complexo carbonífero havia muitas crianças, que ficavam a maior parte do tempo brincando na rua, uma vez que “não tinham área de lazer, não tinham parquinho, não tinham nada, brincavam tudo na rua”, como lembra D. Ana. Ela acrescenta que as crianças costumavam brincar entre os animais, como cachorro, gato, porco, galinha ou ficavam sentadas no chão batido, no caso dos meninos, brincando de bolinha de gude.

O senhor Oscar confirma essa descrição, dizendo que o que mais tinha na vila operária eram crianças, “todos descalços, brincando naquelas pontas de pedra, que era o resto de carvão que iam jogando para fora. Até eu ia lá [quando criança], nós brincávamos de escorregar e a gente escorregava e saía que nem um tucum, de tão preto, todo sujo”<sup>28</sup>.

Para ocupar o tempo dessas crianças foi construído um Jardim de Infância. Com a instalação da instituição a rotina das crianças na vila operária também foi alterada, pois ao invés de ficarem o dia inteiro na rua, durante um período elas frequentavam o estabelecimento.

<sup>28</sup> Oscar Rabelo. Entrevista citada.

**Figura 5:** Religiosas jogando bolas para as crianças do Jardim de Infância da Mineração de Içara (1970)



**Fonte:** Arquivo pessoal de Giani Rabelo.

Quando ingressavam na escola, D. Ana admite que percebia diferenças entre aqueles que haviam ido ao jardim e aqueles que por algum motivo não o tinham frequentado. O surgimento do Jardim de Infância no século XIX não pode ser compreendido isolado de um movimento maior de redefinição do conceito de infância, movimento amplamente discutido pela História e pela história da educação. Igualmente não pode ser entendido sem levar em conta as mudanças ocorridas na relação da família com seus filhos.

Cabe lembrar, brevemente, que para o historiador Ariès, precursor desse debate, foi na transição do século XVII para o século XVIII que se constitui o sentimento moderno de infância como um momento singular da vida humana, ou seja, um estágio específico do desenvolvimento do ser humano. Para ele, na civilização medieval a preocupação com a infância não era conhecida, “pois para essa sociedade não havia problemas: assim que era desmamada, ou pouco depois, a criança tornava-se a companheira natural do adulto”, diferente do mundo

moderno, que é “obcecado pelos problemas físicos, morais e sexuais da infância” (ARIËS, 1981, p. 276).

Quanto à formação das religiosas para realizarem o trabalho com as famílias, Ir. Flórida não se lembra de terem recebido cursos específicos, contavam apenas com a formação recebida na própria congregação. Ao evocar as lembranças mais significativas sobre aquele trabalho, assim as descreve: “Para mim, o trabalho da Mineração foi importantíssimo. As visitas às famílias. As festinhas que se realizavam eram muito participadas, bastava apenas manifestar-lhes o convite. Eu ficava admirada da disposição e participação daquelas famílias”<sup>29</sup>.

A receptividade por parte das famílias de algum modo é confirmada por D. Ana<sup>30</sup>, quando relata que as mulheres respeitavam muito as irmãs, “tinham um carinho muito grande por elas”, especialmente em relação a Ir. Flórida, madre superiora da Casa Assistencial, durante o período que D. Ana teve contato com as religiosas. Para ela, Ir. Flórida “tinha muito prestígio” e era muito respeitada, principalmente pelo representante da empresa, senhor João Gabriel Macari, o “barbado”, como todos se referiam, por ter uma barba branca e grande. Este, por sua vez, também era muito respeitado pelos operários.

Mas não se tratava apenas de uma relação de carinho e de respeito, era também uma relação de obediência e de medo.

Todas as mães e todos os pais obedeciam, porque eles tinham medo de perder o emprego, e se eles perdessem o emprego eles iriam fazer o que? [...] Eles moravam na casa da Companhia, eles recebiam da Companhia, eles compravam lá na cooperativa do SESI e na farmácia que era descontado do salário que era pago pela Companhia. Então, eles respeitavam muito isso aí, eles tinham muito

<sup>29</sup> Trecho da Carta da Ir. Flórida enviada à pesquisadora em dezembro de 2005.

<sup>30</sup> Ana Giassi Goularti. Entrevista citada.

medo. Os filhos freqüentavam a escola, porque se não fossem para a escola a empresa e as freiras cobravam dos pais<sup>31</sup>.

Há indícios de que as Filhas do Divino Zelo tenham permanecido na Casa Assistencial até o final de 1968, uma vez que os últimos registros foram feitos no dia 31 de dezembro do referido ano.

Desde a chegada das Filhas do Divino Zelo à Mineração de Içara houve toda uma movimentação para a compra de um terreno, a fim de construir uma nova casa e um colégio. Esse fato se concretiza no dia 8 de dezembro de 1962, quando ocorre a inauguração do Colégio Cristo-Rei, situado na sede do município de Içara.

Mesmo antes da obra estar finalizada, Ir. Benevenuta tentou buscar apoio financeiro e uma das instituições contatadas foi a Comissão do Plano do Carvão Nacional - CEPKAN, que acabou, mais tarde, cedendo alguns recursos. A casa construída junto ao Colégio Cristo-Rei passou a ser a nova sede do noviciado e as noviças que até então ficavam em Três Rios, no Rio de Janeiro, foram transferidas para este local.

Concomitante aos trabalhos realizados pelas Filhas do Divino Zelo na Vila Operária da Mineração, o local que abrigava o noviciado e o colégio foi sendo estruturado gradualmente e posto em funcionamento. Dessa forma, as religiosas tiveram que se dividir para atender os dois locais. A partir disso, a Casa Assistencial, que até então era a sede da congregação na região sul de Santa Catarina, passou a ser uma espécie de extensão.

Meses depois da inauguração do Colégio Cristo-Rei, no dia 4 de março de 1963, foi criado um Jardim de Infância na Vila Operária da Mineração, ficando Ir. Maria Iara e a juvenista Leonor Ferreira responsáveis pelos trabalhos com as crianças. As professoras eram mantidas pelo SESI e as instalações foram construídas pela Companhia Carbonífera Barão do Rio Branco.

<sup>31</sup> Ana Giassi Goularti. Entrevista citada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi no conjunto das medidas conciliares para a restauração da Igreja Católica, a fim de fortalecer o prestígio da autoridade de Deus e do Papa, que nasceram as congregações religiosas femininas de maneira geral e a que foi objeto deste estudo. Foi também no ambiente em que era preciso conquistar a fé dos operários, ou melhor, dos empobrecidos pelo capitalismo, alvo das obras de caridade da Igreja Católica e de suas congregações, que buscou-se estreitar os laços entre os operários e os donos do capital.

No processo de expansão missionária da Igreja, em curso no continente europeu e fora dele, as congregações religiosas femininas ocuparam um lugar estratégico. Foram elas, em grande medida, as responsáveis pelas tarefas ligadas ao ensino, saúde, assistência social e evangelização, além, é claro, do aumento do número de religiosas professoras. As Filhas do Divino Zelo chegaram ao Brasil no início do século XX com estas responsabilidades.

A missão desta congregação consistiu em muito mais que evangelizar, ampliando-se em prestar assistência, cuidar, educar e normatizar a vida da grande massa de operários que crescia vertiginosamente, vinda de outros lugares da região sul, num momento em que vários discursos – empresarial, eclesial, político, médico e da sociedade civil organizada – tiveram como principal ponto de convergência a premência da assistência social à família mineira com a finalidade de imprimir junto a estas um novo estilo de vida.

Neste estudo sobre a atuação das Filhas do Divino Zelo na Vila Operária da Mineração de Içara foi possível observar, a partir dos indícios, a ação intensa das religiosas na “reeducação” das famílias. Elas procuraram instituir novos hábitos e valores nas práticas cotidianas da vila operária e, para que isso se concretizasse, envolveram principalmente as esposas, filhos e filhas, em várias ações de caráter social, educativo e religioso. Além da assistência, elas atendiam as

“Compaixão pela messe!”,  
Filhas do divino zelo e as  
pedagogias missionárias  
em ação na Vila Operária  
Mineração de Içara (SC-  
Brasil) 1959 a 1968.

Educ. Foco,  
Juiz de Fora,  
v. 20, n. 3, p. 237-268,  
nov. 2015/ fev. 2016

crianças no Jardim de Infância, ofereciam aulas de corte e costura, bordado, realizavam visitas às famílias, bem como ofertavam aulas de catequese.

Para a Companhia Carbonífera Barão do Rio Branco o trabalho assistencial era de fundamental importância para disciplinar os trabalhadores e suas famílias “ajustando-os” aos objetivos da empresa. Certamente, já havia uma clareza na gestão da companhia de que o aumento da produtividade e dos rendimentos também estava associado à resistência física do mineiro e que ele deveria gozar de boa saúde. Esta, por sua vez, dependia das condições de higiene na casa, do tipo de alimentação, dos cuidados com a vestimenta e, sobretudo, com a manutenção da unidade familiar.

Podemos inferir que a boa aceitação das freiras pelas famílias esteja relacionada ao fato de serem católicas na sua maioria. Importante pensar o quanto a Igreja exercia um poder simbólico na vida das famílias operárias. As religiosas, com suas pedagogias missionárias, exerceram uma “vontade disciplinante” e os sujeitos com os quais se relacionaram apropriaram-se de diferentes formas dos discursos que as sustentavam; uns aderindo mais às orientações lançadas pelas religiosas, outros resistindo ou cumprindo as normas estabelecidas por elas por receio ou medo de perderem o emprego.

Num contexto mais amplo de disciplinarização e controle das populações de trabalhadores, as pedagogias missionárias examinadas orientaram-se no mesmo sentido, embora se devam considerar as práticas de controle e moralização como exercício de poder, que é sempre relacional, ou seja, produz resistências, rebeldias, tanto quanto docilidades e conformismo.

Em que pesem as resistências e as transgressões por parte dos sujeitos envolvidos, as pedagogias missionárias funcionaram como um amálgama para unir os operários em torno dos interesses das empresas, atenuando as condições críticas de vida, colaborando para que se tornassem mais

produtivos. As pedagogias missionárias, assim, difundiram práticas sociais e culturais, ou, em outras palavras, ensinaram pensamentos e comportamentos, ou seja, um saber fazer e saber ser.

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe . **História Social da Criança e da família**. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 1981.

CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores do antigo regime**. São Paulo: Ed. EDUSP, 2004.

DECCA, Auxiliadora Guzzo. **A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo (1920-1934)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora em Inglaterra**. Porto: Afrontamento, 1975.

FOUCAULT, Michael (1992) . **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis (RJ): Ed. Vozes.

GOULARTI FILHO, Alcides. **Formação Econômica de Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.

\_\_\_\_\_; LIVRAMENTO, Ângela Maria Antunes do. Movimento operário mineiro em Santa Catarina nos anos de 1950 a 1960. In: GOULARTI FILHO, Alcides (org.). **Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, p. 75-91, 2004.

HISTÓRIA della Casa (1959-1968). *Congregação das Filhas do Divino Zelo*. Içara (SC).

HISTÓRICO. Congregação das Filhas do Divino Zelo. Disponível em: <http://www.fdz.org.br/index.asp?id=onde>. Acesso em 20 Fev. 2007.

HISTÓRICO da Província Latino Americana Nossa Senhora do Rogate, 2000.

RABELO, Giani. **Entre o hábito e o carvão: Pedagogias Missionárias no Sul de**

Santa Catarina na segunda metade do século XX. Santa Catarina, 2007.

### **Fontes Orais**

Ana Giassi Goularti. Professora da Escola Estadual Maria da Glória Silva, situada na Vila Operária de Mineração de Içara. Entrevista concedida a Giani Rabelo, em 13/01/2007, na cidade de Içara/SC.

Dorilda Gomes Rabelo. Esposa de operário da Companhia Nacional Mineração Barão do Rio Branco e moradora da Vila Operária Mineração de Içara. Entrevista concedida a Giani Rabelo, em 15/02/2007, na cidade de Criciúma/SC.

Oscar Rabelo. Operário da Companhia Nacional Mineração Barão do Rio Branco e morador da Vila Operária Mineração de Içara. Entrevista concedida a Giani Rabelo, em 15/02/2007, na cidade de Criciúma/SC.

**Data de recebimento:** agosto de 2014

**Data de aceite:** junho de 2015